

CORREIO DO VOLUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

Professores sem escolas

Li ha poucas semanas n'«A Federação Escolar», do Porto, que temos 2.000 professores de instrucção primaria desempregados, á espera que o Governo lhes forneça outras tantas escolas, onde elles possam exercer o seu mister. Esta revelação é extraordinaria!

Pois num paiz que apresenta a fabulosa percentagem de 78 o/o d'analphabetos, conforme nos mostram as estatisticas, não é verdadeiramente extranho que num tal paiz haja 2.000 professores primarios que não funcçionam por falta d'escolas? Não é assombroso que, reinando em Portugal uma tão grande ignorancia nas camadas populares, assistamos ao triste, ao vergonhoso, ao intoleravel espectáculo de vermos tantos professores inactivos, privados da sua nobre funcção educativa, por lhes faltar o auxilio do Estado?

Diz-se, e com razão, que somos um povo de iletrados, um povo cuja grande maioria dos seus habitantes não possui a mais ligeira cultura mental. Pois, apesar d'isso, temos 2.000 diplomados esperando ansiosamente a sua collocação official. Haverá nada mais contraditorio?

Este facto prova á evidencia que ainda não soubemos travar uma luta energica e decisiva contra a mancha negra do analfabetismo. Prova á evidencia que governantes e governados ainda não souberam conjugar os seus esforços para rasgar de vez o denso veu que obscurece o espirito do povo.

E' inegavel que nos ultimos tempos, devido á iniciativa particular, especialmente do partido republicano, têm-se fundado muitas escolas onde os filhos do povo vão receber a luz intellectual. Mas essas escolas são ainda insufficientes para abrigar todas as creanças pobres que não frequentam os estabelecimentos do Estado. Por conseguinte, é preciso abrir mais casas onde se ministre o «pão do espirito».

Resta saber qual a fórma simples e pratica d'abrir, com brevidade, novas casas d'ensino.

A meu vêr, o problema poderia resolver-se facilmente por intermedio das associações operarias. Estas forneceriam casa, agua, luz e mobilia, e o

governo pagaria aos professores.

Ha dois mil professores primarios soffrendo as agruras de uma tremenda *chomage*? Pois bem: ponha o Governo esses dois mil cidadãos á disposição de todas as sociedades populares que pretendam crear aulas para os associados e seus filhos. E d'esta maneira teremos dado um grande passo para a extincção do analfabetismo.

Mas se o Governo não quiser pagar directamente a esses professores, para evitar complicações burocraticas, ao menos, offereça um subsidio escolar a todas as agremiações operarias que desejem estabelecer nas suas sédes o ensino primario.

O alvitre que, singelamente e nos termos mais simples, ahi fica exposto, creio que ninguém, com justiça, poderá taxa-lo de mera utopia. Pelo contrario, parece-me que se trata d'uma ideia perfeitamente realisavel. Porém, com a seguinte condição: das classes laboriosas não continuarem mergulhadas no profundo sono que as immobilisa.

Para que os representantes do Poder se vejam obrigados a vir em auxilio do derramamento da instrucção popular, é indispensavel que os operarios se unam, se agitem e clamem em altos brados que querem instruir-se e viver a vida civilisada dos povos modernos.

Por mais d'uma vez aqui tenho incitado as classes trabalhadoras a unirem-se em associações profissionais, por se me afigurar esta a melhora fórma d'essas classes poderem melhorar as suas condições materiaes e moraes. Infelizmente, a grande massa do nosso operariado ainda vive estranha a uma tal ideia. Comtudo, é-nos grato constatar que alguns operarios mais intelligentes comecem a interessar-se pela organização das associações de classe. E' o espirito syndicalista que vem raiando no horizonte da politica portugueza.

Ora, se a ideia syndicalista começa a penetrar em Portugal, e se esta ideia representa o mais solido instrumento da emancipação operaria, acceite-mol-a jubilosamente e propague-mol-a com ardor atravez de todas as camadas sociaes.

Quanto aos professores de instrucção primaria, esses benemeritos cidadãos, em cujas mãos está depositado o futuro da infancia, a sua existencia,

que devia correr tranquilla e alegre, é, ao contrario, dura, secca e cheia d'angustias. Porque? Pela simples razão de que os mesmos professores ainda não souberam unir-se para desassombradamente, altivamente, energicamente, pugnarem pelos seus direitos.

O syndicalismo é tão necessario á classe dos professores primarios, como o é ás classes dos proletarios. E' por isso que a uns e outros tenho vindo aconselhando nas columnas de este jornal a que se organisem em sindicatos profissionais, isto é, em associações de classe, as quaes, devidamente federadas, constituirão uma força collectiva, capaz de vencer todas as resistencias que se oppõem ao bem-estar economico e moral dos que trabalham.

LADISLAU PIÇARRA.

A Escola rural

Resposta ao questionario sobre o ensino primario

A commissão de inquerito ao ensino da Camara dos Deputados espalhou largamente pelo paiz o seu questionario sobre esse magno problema da instrucção primaria, que entre nós, mais do que em nenhum outro povo europeu, está bem longe d'uma solução pratica e adaptada ás nossas condições e necessidades sociaes.

Essa sensata deliberação merece todos os elogios. O methodo dos inqueritos é o unico seguro para sobre qualquer assumpto se obterem informações precisas, se colherem juizos experimentados, se aproveitar o conselho de todas as competencias, se avaliar da variedade de circumstancias a attender na solução de um problema administrativo, se recolherem todas as suggestões da opinião, se evitarem os inconvenientes d'uma exclusiva acção burocratica, ordinariamente inspirada por um conhecimento demasiado theorico e livresco das questões a resolver, corrigindo-a por meio d'esse largo contacto com os profissionais, os technicos, os especialistas, os que, por quaesquer motivos, têm d'ellas uma longa pratica ou noções colhidas numa observação directa das coisas.

Eu tambem recebi um d'esses questionarios, que examinei com interesse. A' maioria das suas perguntas não tenho que responder, porque melhor e mais completamente o farão os funcionarios administrativos, os sub-inspectores e professores de instrucção primaria, todos os que por dever de cargo, são familiares d'este ramo do serviço publico, mas vivendo ha um bom quarto de seculo na aldeia, entre lavradores e trabalhadores ruraes, conhecendo os incon-

venientes da crassa ignorancia de todos os que lidam com a terra, não só no que ella entrava o progresso da technologia agricola, mas ainda no enorme obstaculo que oppõe á expansão da riqueza publica, ao equilibrio da população, ás correntes migratorias dentro do paiz, ao arroteamento e valorisação dos incultos, á boa repartição da propriedade — creio que o meu depoimento sobre essa questão, que interessa sobretudo o mais vasto e fundo extracto das nossas classes, talvez concorra para esclarecer num dos seus pontos fundamentaes.

Tratando-se d'um assumpto a respeito do qual nunca se agitará de mais a opinião, julguei preferivel fazer publicar as observações e alvitres que elle me suggeriu, talvez, considerado pelos profissionais, o plano que vou expôr encontre quem melhor do que eu o torne exequivel, effizaz e proveitoso á causa da instrucção popular.

I

O problema da instrucção popular está entre nós ligado a outro da mais fundamental importancia, ao nosso problema economico por excellencia: o problema agricola. Ao resolver aquelle, é preciso ter este em vista. A grande maioria da nossa população é composta de trabalhadores do campo. Contam-se por milhões os que labutam sobre a terra portugueza, d'ella vivem e d'ella fazem viver os outros. As nossas classes ruraes são o grande viveiro demographico da nação. Essas boccas que crescem dia a dia, esses braços que dia a dia se multiplicam, são respectivamente o estimulo e o instrumento da nossa maior riqueza. E é preciso que a escola não seja um inimigo da agricultura; é preciso, bem ao contrario, que ella represente um dos seus mais poderosos auxiliares.

Ora o ensino primario, tal como está estabelecido entre nós, é, triste é dizê-lo, um inimigo da agricultura. Porque, em regra, quem sabe lêr, escrever e contar — abandona a terra. A capacidade para um trabalho mais rendoso e menos penoso que o da lavoura, faz sonhar, e quem tem, uma melhoria de situação, e até a riqueza nos officios mechanicos ou no commercio. E' de toda a Europa industrialisada este phenomeno social do vasto e continuo exodo dos campos para as cidades, da terra para a officina, da agricultura para a industria. As manufacturas algodoeiras, entre nós, improvisaram, em todas as zonas onde se fixaram, milhares e milhares de tecelões, tirados ao arado e á enxada. E se ao analfabeto o tenta esta mudança de situação, o que fará aquelle que, soletando, rabiscando ou sabendo a taboada, julga que tamanha sabedoria lhe póde abrir, ao balcão d'uma mercearia ou d'uma loja de fazendas, um horizonte mais largo á sua actividade do que a gleba que os paes e os avós cavaram e regaram com o seu suor. O marçano do pequeno commercio, o emigrante que vae ao Brazil procurar identica situação, todos deixam a terra sob esta mesma aspiração, que o rudimentar ensino recebido na escola nelles estimulou. Na terra, assim, apenas ficam

(e cada vez mais só esses ficarão) além dos que nelle têm o sufficiente para viver, os analphabetos ou os quasi analphabetos. «Para a lavoura só ficam os *martellões*», dizia-me, sorrindo-se d'uma pittoresca expressão minhota, um meu velho feitor, desalentado pela rudeza, estupidez e ignorancia dos creados e jornaleiros que tinha sob as suas ordens.

Para que tal não aconteça é mister que a escola rural seja uma machina de fazer bons homens do campo. E' preciso differença-la das escolas urbanas, por isso mesmo que são diferentes os seus fins, as suas funcções e o producto que de si devem dar. E' insensato ensinar-se a uma creança, cujo destino tem de ser o trabalho da terra, o mesmo que se ensina a outra votada pelas circumstancias do nascimento e do meio social a uma carreira absolutamente diversa. E não se me diga que o ensino primario é geral e que para o ensino das especialidades lá estão as escolas *especiales*. Sob o ponto de vista agricola justamente, a massa enorme das classes ruraes em contraposição com o restrictissimo numero das escolas agricolas e ainda a indole, fim e organização d'estas, bastam para tornar bem evidente que não ha meio de as aproveitar como elemento educativo de todos ou da grande maioria, pelo menos, dos que da terra têm de viver.

A escola rural, pois longe de afastar o camponez da terra, deve prendê-lo a ella. Não para fazer d'elle um servo da gleba, condemnado a trabalhar para os outros, sem nunca lograr chamar sua á leira que revolve e faz fructificar com os seus braços, mas para o tornar num elemento livre de trabalho, um creador e conquistador de riqueza, hoje simples jornaleiro, rendeiro amachã, depois pequeno proprietario, que, não achando na região natal, se os braços lá abundam, um campo largo de actividade, saiba que em outra zona do paiz o poderá achar; que ame a terra profundamente; que a saiba fazer produzir; que tenha o orgulho da sua profissão, que a não ha talvez mais bella, nem mais nobre, nem mais sadia, nem mais alegre, nem mais essencial e indispensavel entre todas aquellas em que o homem emprega os braços.

Mas para que a escola rural possa produzir taes resultados, e para que ella seja um dos mais energicos propulsores do progresso economico d'um paiz, que ha tanto se afirma ser *essencialmente agricola*, apesar da brutal percentagem dos seus incultos, é bem necessario transformal-a radicalmente, e adaptal-a em todas as suas peças ao preenchimento da funcção que tem de executar.

LUIZ DE MAGALHÃES.

(Continua).

O crime é sempre obrigado a mentir, a virtude nunca.

E' porque um é a mentira, o outro a verdade em acção. Um precisa de trevas, o outro de luz.

— O infortunio une, a prosperidade separa.

SECÇÃO LITTERARIA

A VIDA

E as desgraças podia prevê-las
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prevêr a desgraça,
Deus podia prevêr e não quiz?
E não quiz, não... se a nuvem que passa
Tambem pôde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae;
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flôr na corrente,
A vida é sópro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida—penna cahida
Da asa de ave ferida—
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lírios que lhe puz,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flôr delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
Nessa abobada azul;

Como os avidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos lábios maternas,
E a alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as azas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas dêste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flôr,
Frescura dás ás fontes,
O lírio dás aos montes,
E roubas-m'a, Senhor!

João de Deus.

O meio de chegar á tyrannia é
ganhar a confiança das multidões.
O tyranno começa sempre por ser
um demagogo.

Aristoteles.

Para reformar um homem é
preciso começar pela avó d'elle.

Oliver Wendell Hohves.

OS DOIS PESCADORES

DE LEÇA DA PALMEIRA

(CONTINUAÇÃO)

IV

—Ambos são meus filhos, e quero tanto a um como a outro,—mas quero ainda mais á honra d'esta casa; á tua, á d'elles!... Bem sei que Roberto não é capaz... nem tu tão pouco, bem o sei; não é de nenhum que eu me receio, mas do amor de ambos! Reimão quer-te, Isabel; quer-te a seu modo e bem sabes que aquella alma não é de paixões ardentes, mas suave e boa,

Trechos selectos

ORATORIA E ORADORES

Os grandes acontecimentos produziram grandes oradores. Assim, foram grandes oradores os homens da Convenção. A oratoria admiravel de Lamartine produziu os seus melhores documentos sob a acção febril da revolução de 48. Lamartine nunca fallou com tanta eloquencia, como nas escadadas do Hotel de Ville, diante das turbas amotinadas do Paris republicano. Em Portugal, as luctas liberaes, no seu auge, deram José Estevão. Castelar, elle proprio, nunca foi tão grande orador, como no tumulto e no fragor da ephemera republica de 73, cujas responsabilidades sentia sobre os hombros e á qual pretendia marcar o destino.

As naturezas eloquentes, tendo o privilegio de conceber ideias e exprimi-las pela palavra, sob fórmas bellas, sem outro estímulo do que o do applauso, são puramente singulares. Castelar teve esse privilegio. Pinheiro Chagas teve-o. Tem-no hoje a voz, ha muito tempo silenciosa, de Antonio Candido. Pinheiro Chagas era um orador de temperamento. Com effeito, não fallava: cantava. Improvisava, como improvisam as aves. Os seus discursos eram gorgeios. A sua eloquencia, sempre prompta a partir, tinha, como o canto das aves, bravura e vibração. Dizia-se que arrebatava. Sem duvida. Corria-se atrás das suas palavras, como se corre levado por um pé de vento e só se tomava a respiração quando elle, por sua vez, a tomava, todo sonoro e exausto.

Antonio Candido é igualmente uma organisação de orador, mas, ao contrario de Pinheiro Chagas, estrictamente raciocinante e apenas harmonioso. Pinheiro Chagas era um genio lyrico. Antonio Candido é um genio philosophico. Pinheiro Chagas era um romantico da escola de Lamartine. Antonio Candido é um philosopho da escola de Athenas. O que na oratoria de um é phantasia, na de outro é regra; o que n'um é paixão, no outro é graça attica.

Não importa! A oratoria não é o privilegio de todos e, por ser privilegio de alguns, põe em crise a intelligencia do maior numero, compromette a integridade da ideia, induz os espiritos no gosto da vulgaridade, da vacuidade e da sonoridade.

A oratoria é o precipicio da razão.

JOÃO CHAGAS.

honesto e santa, como não é para despresar na terra; suppõe—defenda-nos Deus!—que elle desconfiava d'essa sympathia, que te prende a Roberto! N'aquellas organisações como a d'elle, são muito mais para temer certas crises, e se a vida n'esta casa tem sido até hoje o céu, não tens tu remorsos de ir fazer um inferno de um paraizo?

Isabel erguen a fronte e balbuciou:

—Logo, ás fogueiras, hei-de ir fallar-lhe: pedir-lhe-hei que me esqueça, que me não perca, que me não tente!

—A's fogueiras?

—Sim; depois da ceia. E' a primeira vez que me falla. Será a ultima em que lh'o conceda ás escondidas. Hoje, irei.

ASSUMPTOS HISTORICOS

Um auto de fé

O primeiro d'esses dramas fúnebres e burlescos teve logar em Lisboa no dia 20 de setembro de 1540; ainda a Inquisição não estava definitivamente confirmada pelo papa.

A procissão sahia do palacio do Rocio para a praça da Ribeira, onde tinha logar a cerimonia. Vinham á frente os carvoeiros, armados de piques e mosquetes para olhar pelas fogueiras; depois um crucifixo alçado e os frades de S. Domingos, nos seus habitos e escapularios brancos, com a cruz preta, levando o estandarte da Inquisição, onde numa bandeira de seda se via a figura do Santo, tendo numa das mãos a espada vingadora, na outra um ramo de oliveira: *Justitia et Misericordia*.

Após os frades seguiam as pessoas de qualidade a pé: familiares da Inquisição, vestidos de branco e preto com as cruces das duas côres, bordadas a fio de ouro.

Depois vinham os reus, um a um em linha; primeiro os mortos, depois os vivos: fictos, confictos, falsos, simulados, confitentes, impenitentes, pertinazes, relapsos—por ordem de cathogoria dos delictos, a começar nos mortos e pelos contumazes. Em varas erguidas como guiões, que os homens de samarra e capuz de hollandilha preta levavam, penduravam-se as estatuas dos condemnados ausentes, vestindo as carochas e sambenitos; e se a estatua representava o morto outro verdugo seguia após d'ella com uma caixa negra pintada de demonios e chamas, contendo os ossos, para serem lançados aos pés da estatua na fogueira...

Em seguida vinham os reus vivos por ordem crescente da gravidade dos crimes, sem distincção de sexos, um a um com o padrinho ao lado ou com o confessor dominico, se iam a queimar; os homens vestiam um fato raiado de branco e preto, com as mãos e os pés nus; as mulheres appareciam em longos habitos da mesma fazenda. Traziam todos tochas de cera amarella na mão e o barão ao pescoço. Insignias differentes distinguiam os que iam ao fogo, dos penitentes e dos confessos. Estes vestiam o sambenito, especie de casula branca, e levavam a cabeça

— Não has-de ir.
— Não hei-de...
— Não.
— Quer então que o engane, que o faça esperar?
— Não esperará debalde, Isabel, socega. Ha de encontrar alguém. Encontrar-me-ha a mim!
— Que!
— E' preciso.
— E tem animo...
— De remediar tudo; d'aqui a pouco seria já tarde!
Viram neste momento Raimão e Roberto, que vinham pela estrada. Isabel teve apenas tempo para dizer com ar supplicante á senhora Anna:
— Ao menos não seja aspera para com elle, não?
— E' para não vir a se-lo, que

descoberta. Os que depois da sentença tinham obtido perdão da fogueira, levavam samarra, uma cazula parda, e carocha, uma mitra de papelão: e numa e noutra pintadas linguas de chamma invertidas. Os condemnados á morte, quer para serem estrangulados primeiro, quer não, os destinados, vivos ou mortos, á queima, levavam na samarra e na carocha o retrato pintado. Depois da estirada procissão, no couce, vinham os alabardeiros da Inquisição, e a cavallo os officiaes do conselho supremo, inquisidores, qualificadores, relatores e mais sequazes da cohorte. Os sinos dobravam pausadamente nas torres das igrejas. A turba apinhava-se nas ruas insultando os pacientes com palavras desonestas e atirando-lhes pedra e lama.

No meio da praça havia um espaço reservado com o estrado e as tribunas. Na da esquerda estava o rei, D. João III, piedosamente satisfeito na sua fé; estavam a rainha e a côrte; e ao lado do monarca o condestavel com o estoque desembainhado. Na outra, da direita, levantavam-se o throno e o docei do cardeal D. Henrique, inquisidor-mór.

No altar que ficava a meio do tablado, disse-se missa. O inquisidor-mór apresentou ao rei os Evangelhos para sobre elles jurar defender a fé. Depois houve sermão e finalmente a leitura e execução das sentenças. Eram muitos os reus que tiveram de soffrer varias penas. Chegou-se finalmente aos condemnados á morte no fogo: eram tres mulheres por bruxas e dois homens, christãos novos, por judaizarem, mais um por feiteiro.

Terminada a leitura das sentenças, absolvidos os penitentes, os christãos novos e as bruxas foram relaxados ao braço secular, para serem queimados. O rei, a côrte e o inquisidor retiraram-se; e os carvoeiros de alabardas, os verdugos de capuzes e os frades de escapulario e crucifixo na mão ficaram junto dos condemnados. O povo cercou em massa o logar das pilhas quadrangulares de lenha, com os olhos avidos e a cabeça cheia de coleras, contra esses reus das suas desgraças.

Todos, menos o bruxo, morreram piedosamente garrotados e depois queimados...

Oliveira Martins.

lhe irei fallar. Nem uma palavra, vê bem!

— Não sou eu quem mais que ninguém precisa que nada d'isto se saiba?!

V

Os pescadores, as mulheres e os filhos, dançaram toda essa noite na praia em redor das fogueiras. Raimão, a senhor'Anna, Isabel e Roberto foram tambem assistir ao queimar das alcachoffras. Oh! a poetica noite! a noite saudosa! a noite de um instante!

— Olha! dizia Roberto aos pescadores. Em as estrellas fugindo do céu, já as moiras saem das covas, seduzidas pelo perfume da herva pinheira queimada, que sobe aos ares com os canticos do amor!

NOTICIARIO

Consortio—Realisou-se na igreja desta freguezia o enlace matrimonial do nosso conterraneo sr. João Nunes Rico com a sr.^a Emilia da Silva, natural do visinho logar d'Horta.

Os noivos são dotados das melhores qualidades, tendo, portanto, direito a ser felizes. Muito desejamos que assim aconteça.

Exames—Ficou approvado no exame da 5.^a classe, que acaba de fazer no lyceu d'Aveiro, o sr. Sebastião de Carvalho, filho do nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho.

Folgamos muito com o excellent resultado que obteve o intelligente e applicado estudante e sinceramente desejamos que leve o seu curso até ao fim sem a mais ligeira contrariedade.

—Com um abraço muito affectuoso, felicitamos pela bella classificação que obteve no exame da 3.^a classe o sr. Angelo Vidal Junior, filho do nosso querido amigo e collaborador sr. Angelo Coelho de Magalhães Vidal, illustre professor no lyceu D. Manuel II (Porto).

—Concluiu o curso dos lyceus, em Coimbra, o sr. Alberto Carvalho, dilecto filho do nosso amigo sr. Manuel F. Athanasio de Carvalho, importante proprietario em Requeixo.

As mais cordeas felicitações ao distincto academico e a seu pae.

—Com muita satisfação cumprimentamos o nosso bom amigo sr. Pedro Lopes, do Porto, pelo bello exame da 3.^a classe que o seu dilecto filho Annibal Pereira Lopes da Rocha acaba de fazer no lyceu D. Manuel II.

—Igualmente cumprimentamos o nosso presado amigo sr. José Fernandes de Bastos Valença, muito considerado commerciante no Porto, pela elevada classificação que o seu filho Manuel obteve no exame da 3.^a classe que acaba de fazer no lyceu Alexandre Herculano.

Festividade—Como prenoticiamos, realisa-se hoje, nesta freguezia, a festividade em louvor da Senhora da Graça. Espera-se grande concorrência dos logares proximos.

Fallecimento—Por noticias vindas da Africa, soube-mos do fallecimento da esposa do nosso presado conterraneo

—Não sabiamos, diziam os pescadores. Conta-nos isso, Roberto: tu que sabes contar tão bem!

—As moiras, meus amigos vivem escondidas nas suas covas. Ficaram aqui desde a dominação mourisca e occultaram-se para melhor guardarem os seus thesouros.

—O que é o thesouro das moiras? perguntavam as raparigas.

—E' um mundo de perolas, de rubins e de saphiras! Os pescadores de coral nunca o avistaram tão rubro como o dos seus braceletes; nas séstas do Oriente nunca se adornou a favorita com perolas mais pallidas, que as dos seus colares: nem as damas da Europa mostraram num baile mais esplendidos diamantes; que os dos seus toucados!

sr. Manuel Dias Vieira que está, ha alguns annos, em Lourenço Marques. Calculamos a profundissima dôr deste nosso amigo, que havia casado ha poucos mezes, e por isso lhe enviamos, com sincera magua, as nossas mais vivas condolencias.

A' pesca—No domingo, os nossos presados conterraneos srs. Manuel Marques Ferreira, Thomaz Marques Delgado e Balthazar de Magalhães Tabor da tiraram-se dos seus cuidados e foram ao Poço do Grifo á pesca da tainha, com a esperança de arranjam uma boa caldeirada.

Apanharam apenas trez o que, aliás, teve uma vantagem: não precisarem de quebrar a cabeça, a fazer contas para accertarem com a partilha.

Gazetilha—Perguntamos alguns dos nossos amaveis leitores se *El-Vidalonga* perdeu de todo a inspiração. Não perdeu, decerto, mas motivos bem dolorosos o tem impedido e impedirão ainda por algum tempo de honrar as columnas de este jornal com a sua apreciadissima gazetilha.

Comprehendemos a anciedade dos nossos obsequiosos leitores e gentis leitoras. Tenham, no entanto, paciencia e não desesperem de que *El-Vidalonga* volte a faze-los passar instantes de intensa alegria.

Despedida—O nosso presado amigo snr. José Tavares de Figueiredo pede-nos a publicação do seguinte:

José Tavares de Figueiredo na impossibilidade de despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos da capital, fá-lo por este meio, protestando a todos a sua viva sympathia e offerecendo-lhes o seu limitado prestimo em S. João de Loure (Aveiro).

Professores sem escolas—Pertence ao brilhante jornal da capital *A Lucta* o artigo que sob a epigraphe *Professores sem escolas* publicamos na primeira pagina.

ABC illustrado

POR ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

—Ih!!!! exclamaram as raparigas.
—Tal qual como ella reza! ponderaram os pescadores.

Roberto continuou:
—As moiras tem cordões de ouro, que é um sonho! brincos e aneis, que é um milagre! Logo, ella volta da madrugada, é que ellas saem das covas para arejarem o seu thesouro sobre a terra... É quando as estrellas empalidecem, e a noite se despede num saudoso suspiro... Então, ellas saem, e ninguem as vê! ninguem as presente! A natureza não accordou ainda: a lua esconde-se entre duas nuvens brancas, e não se deixa vêr mais; o rouxinol calou-se; as namoradas sonham; a onda nem rumoreja: as brisas da noite aquietaram-se. Tudo

NOTICIAS PESSOAES

Partidas e chegadas

Retirou do Porto para Faro (Algarve) o nosso presado conterraneo e amigo e distincto academico, sr. João Nepomuceno Pestana Girão.

Tambem seguiu para sua casa da Pova do Forno o nosso particular amigo sr. Manuel d'Oliveira Santos, estudante muito considerado e estimado na capital do Norte.

Acompanhada dos seus filhos mais novos, chegou aqui, com demora d'algum tempo, a sr.^a D. Guilhermina de Magalhães Vidal, esposa do nosso querido amigo sr. Angelo Vidal.

Afim de assistir ás festas da Senhora da Graça vieram de Lisboa, no dia 4, os nossos presados conterraneos snr. Manuel e José Coelho de Magalhães.

Estadas

De visita á sua irmã, a sr.^a D. Felismina de Carvalho, encontra-se aqui, com o seu marido, a sr.^a D. Rosa Dias Ribeiro, residente em Lisboa.

Doente

Passa incommodada a esposa do nosso presado amigo sr. Pedro Lopes, digno e considerado commerciante no Porto. Fazemos sinceros votos pelas suas rapidas melhoras.

Anniversarios

No dia 3 do corrente, completou 3 annos o menino Humberto, filho do nosso amigo sr. Manuel Coelho de Magalhães.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 4

Por iniciativa do sr. Manuel Dias da Quinta, foi aberta uma subscrição entre os manipuladores de pão que vivem na area do fiscal Rocha, com o fim de adquirir uma corôa, para depor na campa do nosso saudoso amigo Luiz Francisco cujo fallecimento noticiamos na ultima correspondencia.

Retiraram para S. João de Loure os nossos presados amigos srs. Antonio Duarte Correia de Mello, José Ferreira Garro, João Rodrigues da Costa e Joaquim Dias Maia, sendo acompanhados até á estação do Rocio por muitos dos seus amigos entre os quaes nos recorda ter visto os srs. José Baeta Junior e familia, José Dias Sequeira, José Baeta Mello, Joaquim Dias d'Oliveira, J. Tavares de Figueiredo, Joaquim Nunes da Silva, Manuel Pinto, Anselmo Mendes, Macario da Silva, José Christino e Manuel Dias Maia. Foi uma despedida muito affectuosa que significa bem a sympathia e consideração que merecem aos seus amigos os nossos presados conterraneos que vão á

dorme... E as moiras estendem os seus thesouros! e olham-os estaticas! ébrias de felicidade! de opulencia! de prestigio! Ouro e joias!... A alegria! A riqueza! A força!...

—Como é bello! exclamaram as raparigas.
—Como é bello! disseram os pescadores.

E Izabel, que o escutava exacta, balbucion, olhando-o:
—Oh! Sim! É bello!...

—E depois? perguntou Raimão.

—Depois, aos primeiros raios do sol, as moiras desaparecem, e os seus thesouros apagam-se! Pobres encantadas, vão de novo para debaixo da terra guardar, á sombra, a sua belleza e as suas joias. Atirem, donzellas, a alcachofra á fogueira. Nesta noite tudo tem vir-

terra natal refazer-se das fadigas que teem tido na capital e matar saudades da familia que os estremece.

—Deu-nos, ha dias, a honra da sua visita o sr. José Joaquim da Costa, natural d'Eixo, mas residente, ha annos, na capital, onde é muito digno empregado na Companhia do Assucar de Moçambique.

—Acaba de empregar-se na Companhia dos Electricos o nosso amigo sr. Joaquim Nunes Baeta a quem enviamos muitos parabens.

Melicias.

S. João de Loure, 4

Vindos de Lisboa, chegaram a esta freguezia os zrs. Manuel Lopes, acompanhado de sua esposa e filhos, e Manoel da Costa Cabecinho, Caetano Garro, José Ferreira Garro, Jo. é Barreiro, Alzira Augusta de Jesus, Manuel Talaia, Antonio Duarte Correia de Mello, João da Costa Junior e Joaquim Dias Maia.

—Regressaram á capital os srs. José da Costa e Joaquim Nunes da Silva.

—Falleceu no dia 3o, nesta freguezia, o sr. João Lopes da Silva cuja morte causou grande consternação. Pertencia o finado a uma das mais respeitadas familias da nossa terra. O seu funeral, que se realizou no dia 31, foi muito concorrido por pessoas desta freguezia e dos logares visinhos.

A toda a familia enlutada enviamos as mais sinceras condolencias.—C.

Idem, 5

(PARTICULAR)

Já principiaram os trabalhos da minz que ha-de fornecer agua para o chafaria cuja construção ha muito tempo se reclama.

Será isto apenas para fazer a bocca doce ao povo, visto que estamos com as eleições á porta? Não sei, mas ninguem o extranhará, se assim acontecer.—X.

Azurva, 4

Como prenunciei, realisou-se no dia 31, nas Azenhas de Baixo, uma brilhante festividade em louvor do milagroso S. Romão, com a assistencia das famosas charangas de Frossos e Eixo.

Portaram-se muito bem. Ha muitas philarmônicas, por esse mundo de Christo, que lhes ficam a perder de vista.

Desejaria dar uma noticia desenvolvida da esplendida festividade, o que não faço por falta de tempo. Limite-me, portanto, a enviar muitos parabens ao brioso festeiro sr. Antonio Figueiras.

—Deve realisar-se, brevemente, o enlace matrimonial entre o sr. Antonio Rodrigues Ferreira e a gentil menina Maria Rosa Tavares da Silva.

Desejamos-lhes, desde já, as maiores venturas.

—Continua a roubalheira. São, agora, queixosos a esposa do sr. José Barreiros de Macedo, a quem furtaram dez alqueires de batatas, e a sr.^a Rosa Nunes Marques a quem fizeram o favor de levar duas duzias de aboboras.

Os gatunos tem sido muito felizes, o que devem agradecer á nossa pericia e á incuria das auctoridades e dos... roubados. Mas será bom que não se esqueçam de que... tantas vezes vae o cão ao caminho que, algum dia, deixa lá o focinho.—C.

tude, e o futuro sabe-se por qualquer coisa! Deitem cinco réis no lume!... deixar queimal-os bem! De madrugada, é dal os a um pobre pedinte, sem mais que estas palavras: «O teu nome, irmãosinho?»

O nome do pobre ha de ser o do noivo da dama, que lhe dá a esmolinha do S. João! E depois, é os bochechos! é as sortes no copo de agua! é nadar de noite! é ir lavar a cara á fonte para ficar bonito! é amar! é esperar! viver!...

—Toca a bailar! gritaram os pescadores.

—Que dança ha de ser? perguntaram as raparigas.

—A feliz cadê! A feliz cadê, que é dança de feição.

—Rompam os pares! Alcachofra ao lume!...

Alquerubim, 1

De visita ao auctor destas linhas, esteve aqui, hontem, acompanhado de sua esposa, o sr. Alfredo Augusto Macedo dos Santos, negociante no Largo de S. Domingos (Porto).

Demorou-se algum tempo em Aveiro, visitando a cidade, o Pharol e a Costa-Nova, vindo em seguida por Angeja, onde admirou o tunel que ali existe. Ao chegar aqui, almoçou, e depois visitou a Ponte da Rata, Eixo, Ilhavo e Vagos, sempre acompanhado de quem escreve estas linhas. Em Vagos estiveram com o sr. Dr. Mendes Correia, distincto clinico no Porto, não tendo o prazer de ver o seu filho mais velho, distincto alumno da Escola Medica, por que tinha ido ao Busaco cumprimentar S. M. El-Rei.—C.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

- Transporte 166\$500
- José Rodrigues Laranjeira 500
- João das Neves Martins 2\$600
- Somma 169\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

—Alcochofra ao lume!

Os pares formavam uns detraz dos outros, girando em redor da fogueira, dançando no fim de cada volta, e mudando de par em seguida.

—Vivam os pescadores de Leça da Palmeira.

—Viva a noite de S. João!

—Viva!

—Viva!...

Roberto, aproveitando a occasião, affastou-se lentamente pela praia, e foi mais para perto do mar, esperar Izabel no sitio ajustado. Estava a noite pesada, mas serena: a brisa discreta da madrugada beijava as ondas, e fugia rapida. O ar estava morno e debil, o céu sem nuvens, ainda que sem transparencia. Todas as forças naturaes pare-

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Acaba de publicar-se: PEQUENO LIVRO

DOS FIEIS DEVOTOS

DO

Sagrado Coração de Jesus

DECIMA EDIÇÃO

Approvada pela Auctoridade Ecclesiastica

Indispensavel aos associados do Apostolado da Oração e outros, por conter grande copia de orações na sua maior parte indulgenciadas, todas as consagrações até hoje publicadas, Methodo da Missa, ladainha, Hymnos e canticos, etc., etc.

1 elegante volume de 96 paginas, impresso em bom papel: encadernado em percalina, com o titulo na lombada, 120 réis; idem com o titulo na pasta, 140 réis; idem idem e dourado pelas folhas, 240 réis.

Para propaganda: um exemplar gratis em cada seis dos primeiros, um dito dos segundos em cada sete dos mesmos, e um dito com folhas douradas em cada doze dos primeiros ou seis dos ultimos.

Pedidos ao editor, A. Martins Pereira, rua Sá Noronha, 51—Porto.



Angelo Jorge

Okando

a Vida...

A' venda em todas as livrarias



ciam extinguir-se, e os espiritos participariam da mesma atonia, se aquella não fosse a noite do ruido, da alegria, da esperanza, a noite de S. João,—noite, que até as aves conhecem, porque ella accorda aos seus canticos e sorri aos seus amores! Ouviam-se apenas as vozes dos pescadores e das raparigas, depois, a intervallos, ao longe, uma flauta executando modas do povo, musica não se sabe d'onde, que o ar espalha! O orvalho da noite impregnava-se de perfumes; a areia estremeceia no approximar da onda; os latidss surdos dos cães da aldeia perdiam-se lentamente no espaço.

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Nlaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.^a edição. . . . 100 reis



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alquem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC ILLUSTRADO

POR ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—2300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL DE Gomes de Carvalho, editor 158, Rua da Prata, 160—LISBOA MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lna nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... se guir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que re presentam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com.º Int.

3.^o ANNO—N.º 33